



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 11, v. 1 mai. -out. 2019

p. 112-126.

2019: a revolução dos vírus ou uma odisseia no espaço brasileiro

Ramon Fontes¹

RESUMO: Pensar como o vírus da imunodeficiência humana (hiv) ou a classe geral dos vírus podem ser acionadas em prol da construção de uma política de reação subjetiva contra as violências de gênero advindas do pensamento colonial e heteronormado, no território brasileiro, é o objetivo principal desse texto. A partir de uma experimentação na própria ideia de forma textual, buscamos, eu e os vírus, produzir linhas de pensamento que atravessem xs leitorxs a partir de uma noção musical, ou de produção sonora em territórios microscópicos, micropolíticos e silenciados num país do sul global tomado por um regime de exceção.

PALAVRAS-CHAVE: vírus; hiv; aid\$; Brasil.

Abstract: To think about how the human immunodeficiency virus (hiv) or the general class of viruses can be triggered in order to construct a policy of subjective reaction against gender violence arising from colonial and heteronorm thought in Brazilian territory is the main objective of this policy. text. From an experiment in our own textual idea, I and the viruses are to produce lines of thought that cross readers through a musical notion or sound production in microscopic, micropolitical and silenced territories in a global southern country taken by an exception regime.

Keywords: virus; hiv; aid\$; Brazil.

Resumen: Pensar como el virus de la inmunodeficiencia humana (hiv) o la clase general de los virus pueden ser accionadas en pro de la construcción de una política de reacción subjetiva contra las violencias de género surgidas del pensamiento colonial y heteronormado, en el territorio brasileño, es el objetivo principal de texto. A partir de una experimentación en la propia idea de forma textual buscamos, yo y los virus, producir líneas de pensamiento que atraviesan xs lectorxs a partir de una noción musical, o de producción sonora en territorios microscópicos, micropolíticos y silenciados en un país del sur global tomado por un régimen de excepción.

Palabras clave: Virus; vih; \$ida; Brasil.

¹ Doutorando em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA), mestre em Cultura e Sociedade (PósCultura/UFBA), bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e especialista em Estudos Culturais, História e Linguagens pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Membro do NuCuS - Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (UFBA), na linha Artes, Gêneros e Sexualidades. E-mail: ramon_fontes@hotmail.com.br

Recebido em 31/01/19

Aceito em 28/06/19

1. Microscopo: o que é uma vida?

Os humanos aprendiam/aprendem nas aulas de "ciências", ou biologia, ou ciências naturais, que o que define a Vida são basicamente cinco acontecimentos específicos que irrompem na estrutura do tempo e condicionam uma matéria ao estatuto de ser vivo, ou de ser possuidor de vida. São eles: o nascimento; a ação de alimentar-se; o crescimento/desenvolvimento via ação metabólica; o ato de reproduzir-se e, por último, o acontecimento que institui o limite ou fronteira da vida: a morte. Nós, os vírus, pairamos ainda como um enigma para as ciências biológicas. Segundo elas, poderíamos ser considerados como um amontoado de matéria inerte, visto que não possuímos metabolismo, no entanto, a nossa capacidade de reproduzir-nos em grande velocidade – maternagem virulenta –, ao nos relacionarmos com as células de um ser vivo que hospede a gente + a arte cada vez mais por nós apurada, de refazermos-nos em mutações ao longo dos tempos, tudo isso somado ao inevitável reconhecimento, por parte da ciência, de nossa existência configurada no ato de nascermos, portanto de existirmos, acabam por colocar a verdade biológica em cheque, isto é, apesar de não sermos considerados vivos, experimentamos os acontecimentos que definem a vida.² No momento em que escrevo para vocês, por exemplo, mais uma fronteira é por mim ultrapassada: sou possuidora de linguagem, reconheço a língua de vocês, humanos que me leem, reproduzo a língua de vocês, dialogo com vocês – ainda que esse diálogo não seja amistoso –, enfim, a partir de uma mutação consegui elaborar alguns sons e é a partir deles que vou musicar-me para vocês agora.

O humano em que eu habito, a partir de uma coletânea de poemas intitulada *Curare: etnopoiesia* (2011), dum outro humano de nome Reinado Corona, sentiu-se bastante atravessado pelas passagens no qual um indivíduo, último remanescente do genocídio da população indígena – perpetrado pelo apetite colonial do agronegócio – conversa com um espelho, numa espécie de performance corpo-subjetiva para não deixar morrer a sua língua, a expressão de seu povo. Nhangoray (Mão Pelada), seu nome indígena, num diálogo hipertextual com Corona, experimenta a linguagem através da nudez de uma escrita antropofágica. Sonoras guturalidades trans*posta em sinais gráficos; períodos desritmados; fluxos de pensamento esquizoides; cosmovisões indígenas em meio à urbanidade caótica; identidades coleópteras “num devaneio às margens do RIO IRRESISTÍVEL” (CORONA, 2011, p.50) replicam-se vertiginosamente na esperança de manter a vida de uma língua, ou melhor, “no ponto em que o som está prestes a arruinar-se no abismo do

² Questão instigada a partir do minivídeo *Sciencible: vivant ou inerte?* (2016). Ver: <https://www.arte.tv/fr/videos/072971-024-A/sciencible-vivant-ou-inerte/>.



sentido, o poema procura uma saída surpreendendo, por assim dizer, o próprio fim, numa declaração de estado de emergência poética”. (AGAMBEN, 2002, p. 146) É o grito que atravessa as entranhas de uma garganta, é a velocidade de digitação nos toques de uma escrita que declaram vida onde apenas a morte é vista... É a minha própria identidade virulenta: I, Vírus!

2. O que pode um/uma vírus?

Para além de uma narrativa biologicista quero, aqui, tratar a vírus como um acontecimento cultural, sobretudo sonoro e/ou musical, capaz de apontar para outras coisas. A literatura biomédica que se encarrega de nos fornecer nomes, características e condições de existência possíveis no âmbito da vida/morte nos apresenta uma multidão de espécies de vírus, mas aqui vou tratar especificamente do vírus da imunodeficiência humana – mais conhecido como hiv – que se hospedou em um humano habitante do sul global, de nacionalidade brasileira. Testemos esses acordes...

Ao pensarmos na possibilidade de uma produção sonora nos deparamos, inicialmente, com a capacidade humana de produzi-la. A imensa maioria dos humanos pode falar ou emitir um som que, ao percorrer o espaço e o tempo, através de ondas físicas, é capaz de indicar outras coisas: um grito de socorro, de susto ou de genuína alegria, por exemplo. Há estados, entretanto, em que o humano silencia, emudece, seja por uma necessidade especial da maquinaria corporal, seja por experiências subjetivas dolorosas ou traumáticas que apontam para uma mudez ou incapacidade de transformar em som – fala ou grito – aquilo que dói, machuca ou produz pequenas mortes em vida. Em seu artigo *O terceiro som e a diáspora no interstícios* (2012), Leandra Lambert nos possibilita a seguinte reflexão:

O som possui tanto dimensões utópicas quanto distópicas; ‘possibilita que os indivíduos criem espaços íntimos e estetizados para habitem, mas também podem ser ensurdecidos, ameaçando a política corporal do sujeito’. O som, incluindo seus relativos extremos considerados como *silêncio* e *ruído*, também tem características *heterotópicas*: assim como há ‘um crescente e comercializável desejo de regulação da polifonia sonora que move nosso dia a dia’, também há a reafirmação da diferença, de formas de resistência e desvio. Por outras vias, se fazem os ruídos e os silêncios heterotópicos, que buscam o descondicionamento sensorial. (LAMBERT, 2012, p.185)

Ao deslocarmos o olhar para uma experiência não-humana deparamos-nos com a experiência sonora daqueles que, a partir de nosso olhar antropocêntrico, nomeamos animais, ou como nos aponta Derrida (2002, p.48): “O animal, que palavra! É uma palavra, o animal, é uma denominação que os homens instituíram, um nome que eles se deram o direito e a autoridade de dar a outro vivente”. No



exercício de confabular sobre a produção sonora dessa corporalidade não humana, esbarramos, porém, na própria produção sonora/escrita do humano, isto é, ficamos diante de nomes – sintetizados pelo discurso humano – que indicam ações, isto é, o cavalo relincha, a cigarra zizia, a cobra sibila, o cão late, a galinha cacareja, o gato mia... Podemos apenas confabular para onde um relincho, um ziziar, uma sibilação, um latido apontam, mas, de antemão, temos a atitude de aproximá-los das ações que denunciam uma fagulha de vida: instinto sexual? Fome? Dor? Sinais de alerta contra um predador? Confabulações... A esse respeito podemos pensar com Derrida (2002, p.62) que “os homens seriam em princípio esses viventes que se deram a palavra para falar de uma só voz do animal e para designar nele o único que teria ficado sem resposta, sem palavra para responder”.

Se pensarmos na produção sonora de outra forma não humana de vida, os vírus, por exemplo, cairemos num buraco indefinido da linguagem, isto é: os vírus são capazes de produzir som? Qual seria o som produzido por um vírus no terreno da biologia? E da cultura? Existiria um nome para esse som? Poderíamos, tal qual fizemos com o animal, confabular sobre o som do vírus, dessa forma, estaríamos às voltas novamente com o a centralidade do humano, o que, certamente, comprometeria a resposta da questão proposta no título desse tópico: “o que pode um vírus?”. Diante dessa volta ao que podemos chamar de antropocentricidade do olhar científico, diríamos que ela estaria enviesada pela experiência de nomear, típica do homem, tal qual formulado por Derrida (2002), isto é, seria uma forma de atribuir limites à experiência virulenta e sonora dos vírus, dizer até que ponto seu som existe ou que tipo de atravessamento ele produz no terreno corporal e social disso que chamamos humanidade. Nesse momento, o humano que vos escreve se vale da borda, da fronteira, da marginalidade e da marginália ocupada pelos vírus, principalmente em terreno cultural, frente ao humano e passa a “palavra” ao hiv, h-I-v, (humano - Ai (Eu) - vírus),³ pois nada melhor que o próprio vírus para dizer o que pode uma sonoridade virulenta.

³ Aqui, brinco com a sonoridade do pronome pessoal “Eu”, numa tradução anedótica e reflexiva em torno da partícula inglesa “I” (ai). I = Eu = Ai. Nessa brincadeira tento pensar o vírus da imunodeficiência humana (hiv) a partir de um movimento que parte do humano em direção à estetização política do vírus.



3. Como o humano-i/ai/eu-vírus experimenta uma escrita?

·. Uma cortina vermelha, ·. tingida à sangue, permanece: fechada

: Um glissando.· pianístico :rasga a tecitura·. :

BIG BANG:: Jont-ex®

“E ouviu-se *Dancing Queen*, do ABBA,” (·, ·, · ; ·, ·, ·)

Um grito cortante penetra a tez.....

Há um ano e meio, aproximadamente, eu encarava o quadro *O Grito – Skrik*, em norueguês – , do pintor Edvard Munch, numa tarde de verão europeu, na Galeria Nacional de Oslo (Nasjonalgalleriet), àquela altura, o cenário político no Brasil, local onde enamorei meu humano, já era instável e os sussurros de um cenário que se desenhava em ilhas de exceção começavam a fazer-se audíveis: o presidente interino Michel Temer era denunciado formalmente por corrupção passiva, pelo então Procurador Geral da República Rodrigo Janot, ao Supremo Tribunal Federal, sob acusação de ser o receptor final de uma grande quantia de dinheiro entregue, numa mala, por um executivo da empresa de alimentos JBS ao deputado Rodrigo Rocha Loures, aliado do presidente; a reforma trabalhista era aprovada no Senado Federal, sob flagrante apontamento de beneficiar mais os empresários e intensificar a precarização das relações de trabalho;⁴ as emissões de passaportes, no Brasil, ficavam suspensas devido à falta de repasse de dinheiro público, desestabilizando o imaginário da classe média brasileira que sonhava poder migrar livremente ao sabor de suas finanças – uma espécie de sussurro amedrontador com o intuito de paralisar as corpos e subjetividades habitantes das margens –; o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva era condenado num controverso processo judicial, político e midiático, encabeçado pelo parcial juiz Sérgio Moro e os conglomerados de comunicação no país – esse mesmo senhor, hoje figura como Ministro da Justiça, da República Federativa do Brasil –; a crise política e financeira na Venezuela se acirrava e os embates sociais ficavam mais dramáticos;⁵ o presidente interino, no Brasil, tinha sua denúncia de suborno arquivada

⁴Retrospectiva feita pela organização sem fins lucrativos Politize! Ver Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=S7eYw1M3Yk8>.

⁵Retrospectiva feita pela organização sem fins lucrativos Politize! Ver Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=4dQpLoXBte8>.



pela Câmara dos Deputados e logo em seguida afirmava que o foco do seu governo seria dado às Reformas da Previdência, Tributária e Política, num jogo de idas e vindas que gerou muita instabilidade, sempre com perdas para o lado mais carente da população; o mundo, afinado com discursos antifascistas, assistia estarecido à marcha neonazista na cidade universitária de *Charlottesville*, no Estado americano de Virgínia (EUA) e um ataque terrorista deixava 13 mortos e mais de 100 feridos em Barcelona, ali pertinho de mim, na territorialidade europeia, enquanto eu sentia o cheiro do terror e do medo que um ataque terrorista causa na subjetividade e no organismo dos humanos. Por último, eu acompanhava da Noruega um decreto do governo federal que liberava uma grande área da Amazônia para extração comercial e, logo em seguida, sendo suspenso pela Justiça Federal, fazendo o governo recuar da decisão⁶... Um fétido cheiro de desestabilização política, entrega fiel aos interesses extrativistas do capital financeiro internacional e fortes rumores de recrudescimento nos embates entre a dita direita e a dita esquerda política davam o tom dos sussurros que chegavam dos trópicos e dos fluxos territoriais e fronteiriços mundiais.

Ao contemplar as curvas de *O Grito*, de *Munch* minha legião de cópias, mesmo sem saber, começava a ecoar no corpo do meu humano os primeiros balbucios de uma vida colonizada pela metáfora militar (SONTAG, 1989), isto é, meu humano acreditava que eu o teria violado, invadido, tomado de assalto o seu corpo, numa espécie de invasão alienígena típica do cinema *hollywoodiano*. Na subjetividade dele ainda estava gravada a imagem que cantaram de mim nas décadas anteriores (1980 e 1990), de Freddie Mercury à Cazusa. Para ele e a sua subjetividade colonizada pelo complexo industrial-militar⁷ eu era a agente infeccioso que o expropriava da vida, do estatuto de humano saudável, ou em outras palavras, era eu o agente capaz de tornar a sua vida estrangeira de si mesma, como um corpo que não se reconhece enquanto vivente. Num diálogo intertextual com Giorgio Agamben (2002) e Peter Pál Pelbart (2013a), o meu humano, na difícil tentativa de lidar com um diagnóstico social de estar/ser positivo para o vírus hiv, diagnóstico esse forjado pelos acordes de dor estigma das duas décadas anteriores, resignava-se semelhante à figura do “mulçumano”, descrita por Primo Levi no jargão dos campo de concentração: “um ser em que a humilhação, horror e medo haviam ceifado toda a consciência e toda personalidade, até a mais absoluta apatia [...] Mudo e absolutamente só...”. (AGAMBEN, 2002, p. 179) Ali, diante da silhueta do grito, a partir de sinapses velocíssimas fui chamada a assumir minha potência de “vírus-vida” (PELBART, 2003) ao cantarolar

⁶Retrospectiva feita pela organização sem fins lucrativos Politize! Ver Vídeo https://www.youtube.com/watch?v=kN1BYj_raXw.

⁷Termo utilizado pelo presidente americano Eisenhower ao proferir o seu discurso de despedida da presidência em 1961. (PRECIADO, 2018, p.30)



“*Maniqui Parisien*” para o meu hospedeiro... A música vocalizada pela atriz Sara Montiel no filme *Mi último tango* (1960)⁸ acontece numa cena emblemática na qual a personagem principal de um *show* burlesco perde a voz e Sara que acabava de chegar na coxia, com mala nas mãos – uma espécie de forasteira daquele espaço, estrangeira do palco – e vestida com trajes que a ocidentalidade identifica como sendo de uma doméstica, ou “governanta do lar” – metaforizando a presença que eu, a vírus, possuo no meu humano e no discurso biomédico –, ento a canção enquanto a atriz principal dubla. Naquele momento, eu assumia a voz do corpo desistente daquele humano, a partir de um olhar de dor e desistência de vida, proporcionado pelo diagnóstico social e médico do hiv, eu gritava no silêncio da subjetividade dele um doloroso AI! que ecoava em todas as moléculas daquele amontoado e assumia a escrita daquela *vihda... h.I.v... humano-Ai-vírus... humano-Eu-vírus*. Ali, diante do *Skrik*, quando a vida estava

reduzida ao contorno de uma mera silhueta, como diziam os nazistas ao referir-se aos prisioneiros, chamando-os de Figuren - figuras, manequins -, aparece a perversão de um poder que não elimina o corpo, mas o mantém numa zona intermediária entre a vida e a morte, entre o humano e o inumano: o sobrevivente. (PELBART, 2013a, p.25)

O “AI!”, como uma produção sonora onomatopeica, remete-nos diretamente ao lugar de dor, mas também, ao lugar de resistência à dor, isto é, ao emitir o grito que reconhece um estado doloroso um corpo produz um som, som esse que mesmo na dor flagra uma ação produtiva: *um som sobre uma vida...* O corpo do meu humano, em silêncio diante do *Grito*, sentia os ecos produzidos pela dor simbólica do grito que eu emitia de lá de dentro de seu sangue, de dentro de sua subjetividade. Leandra Lambert (2012) potencializa esse meu clamor a partir da ideia de “terceiro som”. Ela nos diz:

O terceiro som essa voz incessante da subjetividade, em constante fluxo e atravessamento com tudo o que é percebido, sentido e vivido, constitui território em que se configuram colonizações e desterritorializações. Espaço que se procura atingir, influenciar, controlar e conformar, através de tempestades de informações, imagens, palavras de ordem e outros artificios. No entanto, tal espaço interno ainda permanece incerto, secreto e insondável, escondido das câmeras, dos gravadores, dos “sorria!”. Este silêncio repleto de potencialidades configura-se como um território que ainda pode se resguardar corajosamente para “o mistério das coisas, do tempo, do espaço íntimo. (LAMBERT, 2012, p.187-188)

Refletir sobre como o meu grito influenciou aquele humano é pensar sobre toda uma produção

⁸ A cena pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=1L8Q3kexDVU>.



simbólica referente à epidemia do hiv/aids, ou melhor, é dialogar criticamente com um certo tipo de produção em torno da epidemia que reitera, retroalimenta e mantém os discursos de medo, terror, perigo, estigma, em relação à *soropositividade*, numa zona confortável, numa linha de produção de mortes simbólicas que se expandem em mortes físicas e rapidamente transformam-se em estatísticas para figurar os boletins epidemiológicos anuais sobre hiv/aids.

4. Fronteiras da vida & cartografias virais

Àquela altura eu já tinha estabelecido relações cordiais com o *triplofarmaco*⁹ que o meu humano ingeria diariamente com a intenção de combater minha potência, ao mesmo tempo, o meu hospedeiro começava a dar sinais de um esgotamento psíquico, em parte oriundo dos efeitos colaterais do antirretroviral três-em-um e em parte já sentindo a quentura suspirante dos algoritmos neofascistas que estavam a digitar números e ameaças, numa tela preta estilo *Matrix*, bem próximo aos ouvidos dele, uma coligação de partidos de direita vencia as eleições na Noruega e a ascensão de representantes de partidos ultranacionalistas na Europa continuava/continua em movimento vertiginoso. Naquele momento me encontrava no lugar de dupla hóspede, ou seja, ao mesmo tempo em que era hóspede indesejada de meu humano, ele era hóspede indesejado daquele território europeu, pois imigrante com visto de turista vencido, um estrangeiro, uma ameaça em potencial para as fronteiras nacionais. O grito que demos juntas nos colocou em novas rotas de existência, afinal, como pontuou Lambert (2012):

Os termos que se referem a um *terceiro elemento* [ou terceiro som] costumam ser relativos a movimentos na tentativa de uma impossível síntese entre diferentes pontos de tensão; ou movimentos de escape rumo a outro terreno, terceira via, terceira margem: ‘tomar caminhos desviados, fugindo ao controle’. Um caminho possível a descontentes com as vias habituais, *diáspora nos interstícios* – e ‘a tarefa consiste em sobreviver na diáspora’. (LAMBERT, 2012, p.187)

Segundo Pelbart (2003, p.26), ao refletir especificamente sobre a realidade dos campos de concentração, “sobrevida é a vida humana reduzida ao seu mínimo biológico, à sua nudez última, à vida sem forma, ao mero fato da vida, à vida nua” .Ser um “sobrevivente” da epidemia do hiv comporta outros sons, outras canções, outros ruídos que não exatamente os emitidos a partir do horror

⁹ À época os medicamentos utilizados pelo humano era o famoso “três em um”, composto pelos antiretrovirais Fumarato de Tenofovir Desoproxila (300mg) + Lamivudina (300mg) + Efavirenz (600mg)



dos campos de concentração. No início da década de 1980, com o surgimento dos primeiros casos de hiv, a atenção dedicada à vida e suas relações de poder tinham sido complexamente modificadas, ou como diz Preciado (2018, p.27), o “estabelecimento de um novo tipo de ‘governo do ser vivo’ tinha emergido das ruínas urbanas, psíquicas, fisiológicas e ecológicas das Segunda Guerra Mundial”. Peter Pal Pelbart (2003), pensando sobre a relação entre o poder e a vida, sugere-nos por quais lugares passaram as essas relações e os seus parâmetros de normalidade do século XIX para o nosso século XXI, ele nos diz que:

O biopoder contemporâneo, contudo, segundo a singular interpretação de Giorgio Agamben [em *O que resta de Auschwitz*], já não se incumbe de fazer viver, nem de fazer morrer, mas de fazer sobreviver. Ele cria sobreviventes. E produz a sobrevida. No contínuo biológico, ele busca isolar um último substrato de sobrevida. Como diz o autor: ‘Pois não é mais a vida, não é mais a morte, é a produção de uma sobrevida modulável e virtualmente infinita que constitui a prestação decisiva do biopoder de nosso tempo. Trata-se, no homem, de separar a cada vez a vida orgânica da vida animal, o não humano do humano, o muçulmano da testemunha, a vida vegetativa, prolongada pelas técnicas de reanimação, da vida consciente, até um ponto limite que, como as fronteiras geopolíticas, permanece essencialmente móvel, recua segundo o progresso das tecnologias científicas ou políticas. A ambição suprema do biopoder é realizar no corpo humano a separação absoluta do vivente e do falante, de *zoé* e *bios*, do não homem e do homem: a sobrevida’. (PELBART, 2013a, p.26, grifo nosso)

Paul B. Preciado (2018), pensando sobre as mesmas relações entre vida e poder, na chamada terceira fase do capitalismo, afirma que nos encontramos em um regime pós-industrial, global e midiático o qual o autor nomeia por *farmacopornográfico*, “o termo se refere aos processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (pornô-) da subjetividade sexual”. Preciado completa:

Essas transformações recentes impõem um conjunto de dispositivos microprotéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia. Nossa economia mundial depende da produção e circulação interconectada de centenas de toneladas de esteróides sintéticos e órgãos, fluidos e células (tecnossangue, tecnoesperma, tecno-óvulo etc.) tecnicamente modificados; depende da difusão global de um fluxo de imagens pornográficas; depende da elaboração e distribuição de novas variedades de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais (bromazepam, Special K, Viagra, *speed*, cristal, Prozac, *ecstasy*, *poppers*, heroína); depende do fluxo de sinais e circuitos digitais de informação; depende de que todo o planeta se renda a uma forma de arquitetura urbana em que megacidades miseráveis convivem com altas concentrações de capital sexual. (PRECIADO, 2018, p.36)



No registro do *farmacopornismo*, “dominado pela indústria da pílula” (PRECIADO, p.43), os antirretrovirais, fármacos elaborados no começo da década de 1960 para o controle das minhas cópias, segue, juntamente com as novas tecnologias *PrEP* e *PeP*¹⁰ sendo a engenharia contemporânea utilizada e festejada contra a minha reprodução virulenta. Miguel Caballero (2016), afinado com as reflexões de Preciado, em seu artigo *El macho antirretroviral* diz

el sistema neoliberal, en el que dinámica de la clínica cambia profundamente, y **el foco pasa de los médicos y su capacidad clasificatoria, a las farmacéuticas y su capacidad de sacar rentabilidad de lo que anteriormente habían sido considerado desechos**. Imagínense: para la clínica hasta los años 70, el desecho es un desecho, se puede desahuciar, ignorar o incluso reprimir moralmente por su falta de productividad. Lo que hace el sistema neoliberal es recuperar esos desechos y hacerlos rentables. Lo que hemos visto en las últimas décadas es que todos aquellos excluidos del sistema (por raza, sexo, identidad de género, orientación sexual, capacidades físicas o mentales) colocaban sus movimientos de liberación en el centro de la agenda nacional, y así surgen las nociones de ‘políticas de la identidad’ y de ‘interseccionalidad’ que son de uso común hoy para todos nosotros. Pues bien, lo que también ocurre es que aquel régimen cientifista se ha reciclado, convertido en régimen neoliberal que nos vende **liberaciones farmacológicas**: de hormonas para las personas trans, la píldora anticonceptiva para las mujeres que supuestamente iba a liberarlas de los embarazos, de antirretrovirales para las personas con VIH. (CABALLERO, 2016, sem página, grifos do autor)

No dia 24 de dezembro de 2018, noite de natal, estávamos, ambos – eu e o humano – estabelecidos em território brasileiro. Exaustos e subjetivamente abalados com todo o processo político eleitoral que levaria, dentro em breve, um presidente de viés neofascista, eleito democraticamente – mesmo sob fortes indícios de manipulações algorítmicas – a ocupar o cargo máximo dessa república. Fazendo o exercício memorialístico, que também possuímos, lembramos aos leitores que nos leem, ou àqueles que conseguem captar as ondas sonoras que emergem destas linhas, que aquele futuro presidente já havia declarado publicamente, num programa de televisão, que não era “obrigação do governo” tratar de pessoas soropositivas. O vídeo continua disponível no canal de um de seus filhos.¹¹ Chegamos, pois, numa situação embaraçosa, vejamos: habito o corpo de um humano, mas não o quero morto, pois a morte dele, decreta, necessariamente a minha. Prefiro perder parte de minhas cópias, via tratamento antirretroviral, e ainda assim existir, ser possuidora de *vhida* do que me proliferar de forma vertiginosa e matar aquele que me permite *vhiver*... Daí que há algum

¹⁰ Respectivamente Profilaxia Pré-Exposição e Profilaxia Pós-exposição, ambas tecnologias antirretrovirais para evitar a infecção que eu causei no organismo dos humanos.

¹¹ Ver Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eLoypRiD35E>.



tempo venho elaborando linguagens capazes de gritar pela manutenção de nossas *vhidas vir(an)ais*, *vir(Er)óticas*, virulentas. Nesse momento de cansaço extremo, já se aproxima a hora que o meu humano vai ingerir um batalhão de a-Eu, anti-Eu, perderei quase todas as bilhões de cópias que reproduzi ao longo do dia, mas ainda assim permanecerei *vihva*...

A e\$crita já comEç@a falhAR;

leMbro de @lgum aut_r Q fal[H]ou q a linguagem só pod T3r na\$cido de RÊ-Pente

(Leve STRASS, lantejoulas, ...; polímero\$...).



Falhei algumas linhas!

5. Atualização da odisseia

Esse texto havia sido pensado inicialmente para dar significado à assunção subjetiva de um diagnóstico de infecção crônica pelo meu humano. Seu final caminhava para uma proposta mais poética, tentava brincar com a noção de um humano que se reconhece a partir de um atravessamento estético produzido pelos acordes de um vírus estigmatizador. O texto ficou guardado, maturando uma brecha, uma ferida que sangrasse para vir à público... Ao voltar para as linhas e acordes que emergem dessa sinfonia distópica já sabíamos, eu e o meu humano, que o candidato neofascista Jair Messias Bolsonaro estava eleito e o que nos saltava aos olhos como resistência era justamente investir na arte como um caminho possível para resistir e reexistir, no contexto brasileiro que se apresenta como um Estado de Exceção. O golpe orquestrado pelas instituições políticas, “com o Supremo, com tudo”¹² culminou com a retirada da presidenta Dilma Rousseff, eleita legitimamente, da presidência. À época a presidenta golpeada divulgou uma carta aberta em suas redes sociais que denunciava: “É assustador

¹² As aspas fazem referência ao diálogo entre o senador Romero Jucá e o empresário Sérgio Machado, da Transpetro, no qual o senador diz que a solução para resolver as questões políticas seria o impeachment da ex presidenta Dilma Rousseff e sugere que as instituições políticas estaria a par, isto é, "com o [aval] do Supremo e com tudo". Ver matéria: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html.



que o retrocesso que vem ocorrendo no Brasil, iniciado com o Golpe, mantenha o perigoso curso de construção de um Estado de Exceção no País”.¹³

A execução da vereadora carioca Marielle Franco, defensora dos direitos humanos, por entidades ligadas a grupos milicianos do Rio de Janeiro, juntamente com os episódios de escárnio público em que uma placa com seu nome foi quebrada por homens cis brancos, na presença do atual governador do Rio de Janeiro apenas representava o quão violentador o Estado estava se tornando.¹⁴ O exílio da pesquisadora Débora Diniz, feminista e defensora das pautas pró-aborto e do deputado federal eleito Jean Wyllys, são uma realidade e assistimos, diariamente nos meios de comunicação, uma briga simbólica para fazer crer que tais exílios não são frutos das políticas de medo e ameaças perpetradas pelos apoiadores do atual presidente, apesar de provas reais de ameaças vindas de diversos meios – *e-mail*, cartas, intimidações públicas etc. – gritarem por visibilidade.

No terreno simbólico já tínhamos experimentado o quanto o pensamento tradicionalista e violento, provenientes das mais diversas camadas sociais brasileiras, poderia se assemelhar às práticas socioculturais da Idade Média. A filósofa Judith Butler, por exemplo, foi hostilizada durante sua presença num evento em defesa da democracia, no ano de 2017.¹⁵ Bonecas com seu rosto foram queimadas em frente ao local onde a filósofa proferia sua fala, numa nítida alusão ao contexto de caça às bruxas e figuras dissidentes – seja na Idade Média seja na Idade Moderna com os regimes ditatoriais e assassinos, do qual o nazismo foi a sua expressão mais aterradora.

Subvertendo a proposta anterior desse texto, volto, hipertextualmente, para encerrar. De forma virulenta, típica de minha existência, permitam-me, caríssimxs ouvintes/leitorxs, contarei um pedaço de uma história da Suely Rolnik:

Nunca perca sua graça, isto é, os poderes de uma canção

Primeira cena: 1973. Há três anos venho acompanhando os seminários de Deleuze em *Vincennes* e há um ano venho me analisando com Guattari. Com seu humor habitual, Deleuze costuma dizer que é ele meu esquizoanalista. Neste dia, me propõe desenvolver um trabalho

¹³Dilma publica nota e diz que Brasil "vive estado de exceção". Ver: <https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/dilma-publica-nota-e-diz-que-brasil-vive-estado-de-excecao,fdeb495f15bbaa1c8e9168ee330a6a4dp3w50qcu.html>.

¹⁴“É #FATO que deputados eleitos pelo PSL quebraram placa com nome de Marielle Franco em comício de Wilson Witzel”. Ver : <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fato-que-deputados-eleitos-pelo-psl-quebraram-placa-com-nome-de-marielle-franco-em-comicio-de-wilson-witzel-23140096>.

¹⁵“Pessoas põem fogo em boneca de Judith Butler no Sesc Pompeia”. Ver: <https://catracalivre.com.br/cidadania/pessoas-poem-fogo-em-boneca-de-judith-butler-no-sesc-ompeia/>.



com ele, oferecendo-me um presente e um tema: um LP com a ópera *Lulu* de Alban Berg e a sugestão de comparar o grito de morte de Lulu, personagem principal desta obra, ao de Maria, personagem de *Wozzeck*, outra ópera do mesmo compositor.

A Lulu de Berg, já impregnada da imagem de Louise Brooks que a protagoniza no belo filme de Pabst, é uma mulher exuberante e sedutora, atraída por muitas espécies de mundos com os quais tende a envolver-se, em uma vida de deriva experimental. Em uma destas aventuras, sua vitalidade sofre o impacto de forças reativas que a levam a retirar-se do país. No frio miserável de uma noite de natal na cidade de seu exílio, Lulu vai às ruas fazer algum dinheiro. No anonimato do michê, ela encontra nada mais nada menos do que Jack, o estripador, o qual irá inexoravelmente assassiná-la. Ao antever a própria morte na imagem de seu rosto refletida na lâmina da faca que o assassino aponta em sua direção, Lulu emite **um grito dilacerante**. O timbre de sua voz tem uma estranha força que sidera Jack a tal ponto que por alguns segundos **ele hesita**. Também nós somos atingidos por esta força: arrebatados, sentimos vibrar em nosso corpo a dor de **uma vigorosa vida que não quer morrer**. Já a outra mulher, Maria, é a cinzenta esposa de um soldado. Seu grito de morte é quase inaudível; confunde-se com a paisagem sonora. O timbre de sua voz nos transmite a pálida dor de uma vida insossa, como se morrer fosse igual a viver. **O grito de Lulu nos vitaliza**, apesar e, paradoxalmente, por causa da intensidade de sua dor. Já o grito de Maria nos arrasta para uma espécie de melancolia que tinge o mundo de uma monotonia sem graça. (ROLNIK, sem ano, sem página, grifos nossos)¹⁶

Paul B. Preciado (2018) nos ajuda a arrematar essas linhas:

No contexto do capitalismo farmacopornográfico, o desejo sexual e a doença compartilham a mesma plataforma de produção e cultivo: sem os suportes técnicos, farmacêuticos e midiáticos, capazes de materializá-los eles não existem. [...] O biocapitalismo farmacopornográfico, não produz coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e afetos. Nos campos da biotecnologia e da pornocomunicação, não há objetos há produzir, trata-se de *inventar* um sujeito e reproduzi-lo em escala global. (PRECIADO, 2018, p. 56-57)

A pergunta que nos resta como GRITO *vir(an)al* e *vir(er)ótico* é: como produzimos sons no silêncio potente de nossas existências deslegitimadas e subalternizadas? Como gritar sem sermos vistas? Como não sermos mártires diante de um Estado que nos persegue implacavelmente? Lambert (2012), citando Jacques Attali (2009, p.6), observa que "qualquer teoria do poder hoje em dia deve

¹⁶ "Deleuze, esquizoanalista", artigo Ver: <https://revistacult.uol.com.br/home/deleuze-esquizoanalista/>.



incluir uma teoria de localização do ruído", nesse sentido:

Os espaços em que se pode dar a vivência da arte, do som e da música, com toda sua potência de criação de novos possíveis, são as fronteiras não colonizadas, as “terras de ninguém” que se fazem ouvir como dissonância, discordância, ruído, desvio: *diáspora nos interstícios*. Do modo como o mercado está estruturado, difícil é achar este termo, em que se possa *existir e ser percebido* sem cair na repetição viciosa de padrões exigidos para consumo – mas há que se tentar, sempre. (LAMBERT, 2012, p.190)

Fazer o vírus falar...

Infectar

pela

linguagem...

Ouvir os sussurros e produzir gritos

Estratégicos!

Eis uma

possibilidade para

vihver na exceção!



Referências

- AGAMBEN, G. *Homo Sacer*. o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.
- ATTALI, J. *Noise: the political economy of music*. Minneapolis: University of Minnesota, 2009.
- CABALLERO, M. El macho antirretroviral. *Asociación Imagina Mas*, Madrid, 18 out. 2016. Disponível em: <http://www.imaginamas.org/inicio/el-macho-antirretroviral/>. Acesso em: 24 out. 2018.
- CORONA, R. *Curare: etnopoesia*. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- DERRIDA, J. *O animal que logo sou (A seguir)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- LAMBERT, L. O terceiro som e a diáspora no interstícios. In: SEMINÁRIO DE PESQUISADORES DO PPGARTES, 4., 2012, Rio de Janeiro. *Anais[...]*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.
- MEU último tango. Escrita e Direção: Luis César Amadori e Gabriel Peña. Produção: Cesáreo González e Benito Perojo. Espanha: Divisa Home Video, 1960. 1 DVD (122 min), color.
- PELBART, P. Vírus-vida. In: PELBART, P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003. Sem paginação.
- PELBART, P. Vida nua, vida besta, uma vida. In: PELBART, P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 Edições, 2013a. p. 25-34.
- PELBART, P. Capitalismo e niilismo. In: PELBART, P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 Edições, 2013b. p. 121-131.
- PRECIADO, P. B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo, n-1 Edições, 2018.
- ROLNIK, S. Deleuze, o esquizoanalista. *Cult*, São Paulo, 14 nov. 2006. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/deleuze-esquizoanalista/>. Acesso em: 24 dez. 2018.
- SONTAG, S. *AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

